



ANÁLISE ÉTICA DA PESSOA COMO UM SER-COM-O-OUTRO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBRA *O PERSONALISMO* DE EMMANUEL MOUNIER

Iury Maycon da Silva Sales¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo elaborar algumas considerações a partir da obra *O Personalismo* acerca do comportamento ético do sujeito, da pessoa compreendida não somente por sua personalidade ou fundamentos de sua existência, mas sobretudo pela sua dimensão social. Inserido e agindo em uma comunidade, o sujeito necessita de outros para reconhecer-se e é o que iremos tratar nesta pesquisa, isto é, como um ser-com-o-outro. Num primeiro momento pretendemos desenvolver o conceito acerca da realidade da pessoa que não é objetiva, e não pode reduzir-se ao plano da consciência, mas na observação lenta do que é próprio ao humano – em sentido comunitário. Na segunda seção abordaremos como a liberdade se constitui na ética personalista, e como esta se associa ao conceito de igualdade, mas sobretudo enquanto pessoa, que deve ser valorada independente de que comunidade e estrutura social ela pertença.

PALAVRAS-CHAVE: Emmanuel Mounier; Personalismo; Ética; Ser-com-o-outro; Pessoa.

Apreciada pelo autor Emmanuel Mounier, a atitude de colocar a primazia no indivíduo, acima de projetos de governos, da economia, ou de interesses políticos, revela a motivação de seu estudo e da corrente filosófica personalista, à qual ele pertence. Também apresentaremos o o que aparece na obra como elementos essenciais: existência incorporada, comunicação, conversão íntima, afrontamento, liberdade em condições, eminente dignidade, e compromisso.

Emmanuel Mounier foi um filósofo francês do século XX, nasceu no ano de 1905 e faleceu em 1950, viveu em um período de constantes conflitos, marcado sobretudo pelo contexto de guerras e pós-guerra, pelos regimes e ideologias do fascismo e nazismo, e também pela discussão de oposição entre as correntes marxistas e existencialistas. Nosso autor, de família pobre e católica, além do individualismo do mundo contemporâneo, governado por forças muitas vezes de razão utilitarista e instrumental, em que predomina

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: iury_maycon@hotmail.com

a cultura do lucro e do consumo, resultando nas desigualdades observadas e vividas por ele, nos bairros pobres de sua cidade natal, Grenoble, também tinha de conviver com limitações na visão e audição causadas por um acidente na infância.

A ruptura com a ordem estabelecida e com o pensamento da época, a força que começava a brotar oriunda de um humanismo cristão e as motivações de sua existência pessoal foram o impulso para questionar e ser voz ativa contra as divisões, o cerceamento, o anonimato, e tantos outros substantivos que determinam o indivíduo pelas escolhas que ele tomou para si, ou que de certa forma foi escolhido para ele. Mounier torna-se uma das raízes importantes do personalismo e ao lado de outros intelectuais funda em Paris a *Revista Esprit*, em 1932. Concomitantemente, surgia o movimento “*Terceira Força*”, sendo que, enquanto a revista tratava de investigações intelectuais, o movimento tratava de estratégias políticas e sociais.

As duas formas de demonstrar o personalismo, revista e movimento, tinham por objeto destacar a pessoa humana, nas suas relações, enxergando o outro também como pessoa, defendendo uma nova sociedade em que os cristãos e os não cristãos cooperassem, seguindo por uma libertação responsável. O autor chama de “desordem estabelecida” o que, sem ter como princípio ativo as posições sociais, políticas, religiosas, nacionalistas, entre outras, não se conduzisse sobretudo pela ética. Vemos que o autor não trata do personalismo como um sistema, ou como uma atitude, mas como uma filosofia, definindo estruturas que tenham como centro um princípio de imprevisibilidade e, por este princípio, essa filosofia não consegue se prender a correntes partidárias, ou a formas de governos, ou a sistematizações definitivas. O autor afirma que poderíamos chamar de “personalismos”, porque essa corrente respeita diversos caminhos que ainda que divirjam em íntimas estruturas, convergem nas condutas de ordem prática – individual ou coletiva. Neste artigo, nos limitaremos a estudar a ética personalista nesta convergência, mesmo que, por vezes, citemos o personalismo cristão, pela influência do catolicismo sobre Mounier.

Toda essa tentativa de dissociar o personalismo de outras correntes aflui para o pensamento central da filosofia estudada pelo qual não podem ser apenas as atitudes que definem a pessoa, uma vez que elas, na verdade, constituem diferentes aspectos de sua existência. Os recursos que o indivíduo possui são indefinidos, e mesmo quando usados não se esgotam. Temos, então, para compreender o personalismo que a realidade da pessoa não é objetiva e, portanto, não se reduz ao plano da consciência, mas à observação lenta do que é próprio ao humano – em sentido comunitário. Explorar, portanto, os

direcionamentos para compreender a filosofia personalista de Mounier constitui o objetivo da primeira parte deste trabalho. Na segunda parte, como dissemos, abordaremos os elementos essenciais que constituem a ética personalista, sobretudo a liberdade. É neste sentido e munido dessas considerações que intencionamos desenvolver esta pesquisa.

1. Os fundamentos do personalismo comunitário

Nesta primeira seção o nosso objetivo é apresentar de modo sucinto como Emmanuel Mounier aborda as motivações do personalismo e como tal pensamento está diretamente relacionado com a reflexão sobre a pessoa em seu sentido comunitário. As questões levantadas pelo autor diferem das de outros filósofos, por eles apresentarem dimensões muitas vezes objetiva do homem, uma mecânica mental ou racional, ou do contrário, ver toda ação do homem como fenômeno, como dialética ou consciência existencial.

O autor motivado pela concepção cristã já intui no início da obra analisada, *O Personalismo*, o sentido comunitário da pessoa sob o caráter espiritual, uma vez que ela é criada à imagem do Ser Supremo, participante da comunhão entre céu e terra por meio da encarnação, e chamada a formar um Corpo Místico com Ele.² Em uma primeira análise, o reconhecimento da pessoa não se encerra nela própria, pelo contrário, nela se dá apenas o começo. Fazendo a análise por extensão das três características espirituais temos, respectivamente: que a pessoa se reconhece no Outro, se é semelhante ao seu Criador, as demais (outras) pessoas também o são. Assim, pode se reconhecer na humanidade; percebe o sentido coletivo da história da humanidade, não só há comunhão entre a sua comunidade com as outras, mas a transcendência nessa dimensão sensível; e, é chamada a ser-com-o-outro, a fazer parte de um todo.

A filosofia proposta por Mounier não só está inserida no personalismo de inspiração cristã³, mas principalmente no que ficou conhecido por “Personalismo Comunitário”. Importante destacar que ambas as palavras, cunhadas por Maritain, foram apropriadas pelo nosso autor, e que tal expressão não pode ser entendida de forma separada, ao contrário, para Mounier o conceito “comunitário” está subsumido no “personalismo”, conforme esclarece Juan Burgos:

[...] O personalismo comunitário de Mounier não se diferencia, em seus princípios básicos, do de Maritain. Procura afirmar a primazia da pessoa sobre qualquer coletividade, ao mesmo tempo que afirma que a comunidade é essencial para a pessoa. De fato, costumava dizer que a necessidade de usar

² Cf. MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 20.

³ “[...] A afirmação do Deus pessoal transcendente como paradigma e fim último da pessoa.”. Cf. VAZ, Henrique C. de L. *Antropologia filosófica*. 7.ed. vol. 1. São Paulo: Loyola, 1991, p. 132.

os termos “personalismo” e “comunitário” se devia apenas à pobreza da linguagem, já que a pessoa implicava necessariamente a comunidade.⁴

O personalismo mounieriano é uma proposta baseada num movimento de partida, ou de um começo “para”, é um convite sustentado em uma filosofia que se vai construindo na ação, sendo, portanto, essencialmente ativa. Mounier não pensou em construir teorias somente para a academia, pelo contrário, objetiva transformar e construir uma nova sociedade. O autor propõe “uma civilização personalista, sendo uma civilização cujas estruturas e espíritos estão orientados para a realização da pessoa, sendo cada um dos indivíduos que a compõem”.⁵

O autor tece algumas reservas para a definição de “pessoa”, pois a considera não ser suscetível de uma definição única, objetiva ou rigorosa, por concebê-la unificada ao universo que pertence, na sua liberdade, inviolabilidade, criatividade e responsabilidade. No entanto, para satisfazer uma necessidade linguística e para melhor compreender a filosofia proposta, no *Manifesto ao Serviço do Personalismo*, Mounier afirma:

Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante actos criadores, a singularidade da sua vocação.⁶

A definição acima contribui ainda para desassociarmos do personalismo qualquer tentativa de reconhecer nele a valorização da pessoa em uma tendência individualista, ou seja, em que o sujeito conquiste ou possua predileção sobre a sociedade ou o Estado. Há uma inversão porque no personalismo é afirmado o valor absoluto da pessoa humana, ao resgatar a dignidade do homem como filho de Deus, da consciência de que os direitos de um são também os direitos dos outros.

Em suma, não se pode valorar um homem, a proposta de Mounier é justamente romper com o sujeito individualista, que pensa unicamente nos próprios interesses, egoísta, limitado. O autor comenta que “a vida pessoal é, com efeito, uma conquista oferecida a todos, e não uma experiência privilegiada”⁷, torna-se cada vez mais evidente que na visão

⁴ BURGOS, Juan M. *Introdução ao personalismo*. Trad. Maria Isabel Gonçalves. São Paulo: Cultor de Livros, 2018, p. 88.

⁵ Cf. MOUNIER E. *Manifesto ao Serviço do Personalismo*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Livraria Moraes, 1967, p. 83.

⁶ *Ibidem*, p. 84.

⁷ *Ibidem*, p. 85.

mounieriana o homem não é parte de um todo, mas é um todo com o todo, com o outro, com a comunidade.

Pautada por essa visão da pessoa, um todo com o todo, a filosofia personalista pode configurar-se no meio-termo entre o marxismo e o existencialismo, embora seja oportuno ressaltar que não podemos generalizar, pois dentre as correntes marxistas existem as que o indivíduo tem papel fundamental e, dentre as correntes existencialistas há as que não ficam restritas ao solipsismo individualista.

Além disso, Mounier se nega a aceitar qualquer relação do personalismo com projetos político-partidários, com ideologias, ou ainda com estruturas e hierarquias rígidas, independentemente do objetivo, uma vez que, segundo o autor, implicam na despersonalização do sujeito. A pessoa está acima de qualquer hierarquia, é possuidora de liberdade para relacionar-se com a comunidade, e nela encontrar-se, e nessa comunhão reconhecer sua autenticidade.

A fundamentação do pensamento mounieriano está justamente na unidade da humanidade, na inspiração cristã de que somos todos filhos de um mesmo Criador e este, gratuitamente, concedeu a mesma dignidade de pessoa, igualmente, a todos os homens por Ele criados. Conforme o autor, a filosofia personalista:

Opõe-se a todas as formas de racismos ou castas, à eliminação dos anormais, ao desprezo pelo estrangeiro, à totalitária negação do adversário político, numa palavra e, em geral, à constituição de homens à parte: um homem, mesmo que diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como um homem.⁸

Visto a fundamentação que essa corrente filosófica atribui à pessoa e considerando a unidade e a totalidade dela analisada pelo autor, percebe-se que o sentido da palavra “igualdade” propagado na modernidade se torna a ideia-chave para a compreensão do caráter ético que desenvolveremos na próxima seção acerca da ética personalista.

2. Apontamentos éticos do personalismo mounieriano

Neste ponto, o nosso objetivo é apresentar o caráter ético presente nas estruturas que Emmanuel Mounier expõe como elementos essenciais da pessoa. Ressaltamos que a nossa análise está integrada às questões antropológicas apresentadas pelo autor. Nosso foco recairá sobre a obra *O Personalismo*, considerada por alguns comentadores como a obra mais madura de Mounier, publicada um ano antes de sua morte, em 1949, nela o

⁸ Cf. MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 55.

autor apresenta sete dimensões da pessoa. Em obras anteriores como: *Revolução personalista e comunitária* (1934-35); e, *Manifesto a serviço do personalismo* (1936), o autor propõe três e cinco dimensões, respectivamente, ambas contempladas dentro das (setes) presentes na obra que embasa este estudo.

Para uma melhor compreensão, trataremos de explorar cada uma das sete dimensões que compõem o universo pessoal, para tornar possível a fundamentação do comportamento ético que a corrente personalista mounieriana propõe, como ação para a construção de uma sociedade diferente do contexto que apresentamos nas páginas anteriores⁹, contemporâneo e vivido pelo autor. Portanto, a saber, as sete estruturas, combinadas entre si, presentes na primeira parte da obra são: existência incorporada, comunicação, conversão íntima, afrontamento, liberdade em condições, eminente dignidade, e compromisso.

A primeira, a existência incorporada, ou encarnação, afirma a unidade integral entre corpo e espírito, e essa integração ocorre e faz a existência do homem. Mounier nos alerta para a saída do dualismo que é comumente criado, tanto na maneira como vivemos, como também em nosso pensamento, uma vez que só a pessoa é responsável por atribuir significado às coisas do mundo e à relação com Deus. Para ele não é possível admitir a primazia de um sobre o outro, e todas às vezes que ocorrer essa tentativa, de um modo ou de outro, desumaniza-se o próprio homem, pois quando o homem eleva o espiritual de modo a negar a matéria, criada por Deus, no último nega a criação, do outro modo, quando a matéria recebe toda importância, o homem cai em um materialismo. O autor não quer negar a materialidade, pelo contrário, quer demonstrar que ela existe concomitante à consciência.

O filósofo nos lembra que a primeira experiência humana da pessoa é com outro igual, partindo desse fato primitivo, vemos a comunicação como a segunda estrutura básica para romper os limites que por ventura aprisionem o homem. No caso da pessoa, segundo Mounier, portanto: “As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros”¹⁰.

A terceira estrutura colocada pelo autor consiste na conversão íntima, em um olhar interior. Vemos uma tentativa de conciliar o movimento do encontro com o outro, ocasionado pela comunicação, com o encontro consigo mesmo, por meio de uma

⁹ Contexto de guerras mundiais, nazismo e fascismo.

¹⁰ Cf. MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 46.

interioridade, que não precisa ser duradoura, mas em tempo suficiente para a conversão de forças que deem impulso ao indivíduo, como a metáfora empreendida por ele, de sístole e diástole, do pulsar na procura de se encontrar a própria vida e a unidade, a comunidade, uma vez que a pessoa faz parte de um todo como vimos antes.

O afrontamento é a quarta estrutura do personalismo mounieriano, que em síntese pode ser entendida como a necessidade de encarar a realidade sem se omitir dela, sem fugas, sem aceitar simplesmente determinados fatos da vida, mas questioná-los e tomar decisões sobre eles. Esse ato de confrontar-se, de tomar decisões, de ter escolhas, próprio da pessoa, está interligado às outras seis estruturas, sobretudo à liberdade em condições, quinto aspecto proposto pelo autor, sendo que tais condições para a liberdade ocorrem porque ela só progride superando pelos obstáculos, opções e sacrifícios.

No personalismo “a liberdade do homem é a liberdade de uma pessoa, desta pessoa, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores”¹¹, o autor pontua ainda que ser livre é concordar com essa condição, do contrário temos “liberdades” como forças que disputam a vitória. No exemplo dado pelo próprio autor: “As liberdades da nobreza foram abaladas pelas da burguesia. As liberdades da burguesia estão ameaçadas pelas liberdades populares”¹², ele conclui que a liberdade não é apenas uma manifestação espontânea, ele ressalta a necessidade de invocá-la.

O penúltimo aspecto essencial da pessoa proposto pelo autor é a eminente dignidade, que em suma resgata o homem de um reducionismo histórico, dialético e econômico, que o identificou a um mero objeto, ou ainda às suas capacidades produtivas, intelectuais e de gestão. Mounier defende a transcendência da pessoa frente aos valores articulados na vida pessoal, em oposição ao conformismo social e político, contra o anonimato, contra regimes que golpeiam a dignidade humana.

O compromisso é a sétima estrutura que o personalismo mounieriano atribui à pessoa, interligando todas as anteriores à ação, à *práxis*. É por compromissos de engajamento, encarnação, vocação e outros, que nasce uma comunidade, é o engajamento histórico proposto pelo autor em que a ação pessoal desponte no comunitário. Esse aspecto é de suma importância para o personalismo em geral, mas sobretudo com Mounier vemos que a ação está diretamente relacionada à existência, e aqui atente-se para o fato de não ser uma ação desordenada nem tão pouco aventureira, mas sobretudo um modo de conhecimento, de participação, um estar-com-o-outro.

¹¹ Cf. MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 79.

¹² *Ibidem*, p.80.

Uma vez expostos os aspectos antropológicos propostos pelo personalismo de Mounier, apresentaremos alguns apontamentos éticos acerca da pessoa chamada a ser-com-o-outro. Em primeiro, a filosofia personalista nos revela o princípio de unidade das pessoas, e da supremacia da pessoa humana perante o mundo. Esse reconhecimento se dá no contato, nas relações, na comunicação, na saída de nós próprios, na libertação individualista e egoísta de si mesmo, em “ser todo para todos sem deixar de ser e de ser eu”¹³.

O autor acrescenta a temática do pudor em sua filosofia, no sentido de que o homem é convidado a uma análise interior em prol da busca de uma conversão íntima, para que ainda que animado pela vida exterior não despreze a interior. Vemos então se repetir o que é muito próprio do agir humano no personalismo mounieriano, o equilíbrio. Ele também coloca as rupturas, os posicionamentos, como valores importantes para que o sujeito decida, escolha. É fator necessário para se colocar em exposição a liberdade e, conseqüentemente, para o agir ético, na luta para que os valores da pessoa sejam reconhecidos e promovidos.

A liberdade é o ápice do agir ético, o homem precisa ser livre para que a ética se manifeste, o que Mounier acrescenta é a necessidade de tal reconhecimento, independentemente do interesse vinculado ao desejo de liberdade. Mounier, nesse aspecto, deseja “assegurar comuns condições de liberdade, biológicas, econômicas, sociais, políticas, que permitam às forças médias a participação nos mais elevados apelos da humanidade”¹⁴.

Em síntese, a ética do personalismo mounieriano critica toda tendência à despersonalização do homem, bem como a redução às suas funções e utilidades. Necessariamente exige-se a ação da pessoa, com responsabilidade, da mesma forma que é livre, para praticar o ato ético, não em benefício próprio, mas em prol da comunidade.

Conclusão

A partir do que investigamos na obra *O Personalismo* e considerando os fundamentos para o personalismo comunitário proposto por Emmanuel Mounier, foi possível inferir que a ética presente nessa corrente filosófica é de caráter essencialmente ativo. Propõe a valoração da pessoa, que não pode ser confundida com o indivíduo, mas com a

¹³ Cf. MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 47.

¹⁴ *Ibidem*, p. 80.

comunidade a que ela pertence. Consideramos as lamentáveis experiências vividas pelo autor no contexto de guerras, e de regimes totalitários que dizimaram milhares de pessoas, para compreender a necessidade de ser retomada a discussão sobre os aspectos essenciais da pessoa.

Ao todo o autor propõe sete aspectos antropológicos do universo pessoal que em suma afirmam a integração do homem com o mundo, no seu reconhecimento no outro por meio da comunicação, sendo o maior sentido de sua existência ser-com-o-outro. É também convidado a ser-consigo, a questionar-se, para que ao se compreender consiga também compreender os demais. A garantia da liberdade de um homem como liberdade da pessoa não permite disputas pela imposição de uma dentre várias “liberdades”, assegura a dignidade de homem independentemente de suas capacidades e funções. Tais são as estruturas que, interligadas ao movimento de saída, de ação, poderão promover a construção de uma nova sociedade onde o primado da pessoa seja respeitado.

Vimos que o sentido da palavra “igualdade” se torna a ideia-chave para a compreensão do caráter ético e da consciência cristã que Mounier tenta recuperar em meio às crises da Modernidade, que despessoalizaram o homem. Não cabe a associação do personalismo com estruturas sociais, partidárias, econômicas, dentre outras, pois o que se considera é a pessoa, que deve ser valorada, independente da comunidade à qual pertença.

O âmago do personalismo mounieriano consiste na construção de um projeto comunitário e a nossa pretensão foi de analisar os aspectos éticos acerca do sujeito que se reconhece igual ao outro, possuidor de uma necessidade coletiva e que deseja ser-com-o-outro, que em sua conduta de vida deve sempre priorizar o que é comum em relação aos próprios interesses.

Referências

BURGOS, Juan M. *Introdução ao personalismo*. Trad. Maria Isabel Gonçalves. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

MOUNIER, E. *Manifesto ao Serviço do Personalismo*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Livraria Moraes, 1967.

VAZ, Henrique C. de L. *Antropologia filosófica*. 7.ed. vol. 1. São Paulo: Loyola, 1991.